

# Só sei fazer isso

Affonso Henrique Vieira da Costa<sup>1</sup>

## Resumo

Trata-se de pensar a resposta de Samuel Beckett à pergunta “Por que vocês escrevem?” com um preciso “Só sei fazer isso.” Trata-se ainda de perceber como, no âmbito dessa limitada ação, um empenho de toda uma vida nela se inscreve, fazendo aparecer isso que chamamos de escritor.

**Palavras-chave:** Escritor, Escrever, Experiência, Necessidade e Potência

## Abstract

It is about thinking the answer that Samuel Beckett gave to the question “Why do you write” with a precise “That is only thing I know”. It still about realizing that, this limited action, involves a whole life effort to come to be what is called a writer.

**Keywords:** Writer, Writing, Experience, Need and Potency.

Ítalo Calvino diz, em um pequeno texto de 1984, intitulado “Por que vocês escrevem?”<sup>2</sup>, que Samuel Beckett respondeu a essa pergunta com um simples e ao mesmo tempo lapidar “Só sei fazer isso”. Pois bem! Depois de ler o texto,

---

1. Professor adjunto de filosofia da UFRRJ.

2. CALVINO, Ítalo. Por que vocês escrevem. In: *Mundo escrito e mundo não escrito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 130.

parece impossível que não fiquemos com uma pulga atrás da orelha e que a toda hora nos faz coçá-la repetindo: “Só sei fazer isso”. Não era o fim da história, mas apenas o seu início.

Da perspectiva do senso comum, quem é este tal de Beckett? Resposta: Um imprestável! Pois quem apenas sabe escrever não presta nem para dar contas de sua própria vida. Porém, querendo transpor essa linha que limita a comum das gentes, logo veremos que por trás da ação limitadíssima desse senhor, inscreve-se um empenho de toda uma existência para que nela se contenha todas as forças necessárias para que essa ação particularíssima e, por que não dizer, refinadíssima, possa aparecer. Dizemos refinada porque, ao que parece, a pergunta que conduz a essa resposta foi feita para um grupo seletivo de escritores. Não se trata aí de qualquer escritor. Mas de um com “E” maiúsculo.

Entretanto, caso leiamos o texto atentamente, veremos que o “Só sei fazer isso” ainda incomodará os nossos ouvidos durante algum tempo. Tantas coisas podem ser feitas na vida, mas “Só sei fazer isso”, a saber, escrever. Pensamos, sentindo-nos um pouco culpados: “Sabemos nós fazer bem ao menos uma coisa? Ou, ao contrário, por achar que sabemos muitas coisas não conseguimos nos inclinar a nenhuma?” É impressionante – podemos pensar conosco mesmos – como normalmente todos são “esparramados”, como normalmente as pessoas acreditam que podem dar conta de tudo, de todas as coisas! Ledo engano. Entre achar e poder há uma grande distância.

Já há uns 2500 anos Sócrates admoestava Alcibiades por este acreditar que poderia dar conta das coisas que não conhecia. Fez, com isso, que o jovem se envergonhasse ao reconhecer que não poderia indicar um remédio a um doente por não ser um médico e nem pilotar uma nau por não ter conhecimentos apropriados acerca da arte da navegação. A coisa se acentuou quando se descobriu que o jovem nada sabia acerca do que era a política. Como querer, então, comandar uma cidade sem saber nada acerca disso?

Essa atitude de Sócrates força-nos, em nossas indagações, a admitir que, por baixo de toda humildade aparentemente presente na afirmação de Beckett, havia uma força, um determinado caráter aristocrático, nobre, que exigia dele todos os esforços convergindo para a realização imposta por ele mesmo no âmbito de tal tarefa.

“Eu só sei fazer isso” traz consigo um saber. Ou ainda: Uma vida inteira destinada à busca de um saber. O que, aos olhos do senso comum, trata-se de uma inutilidade, na perspectiva de uma tarefa realizadora é o que precisa ser feito. Com isso, a grandeza de um homem, sua nobreza, provavelmente só

possa ser encontrada na entrega àquilo que precisa ser feito.

Neste sentido, a pergunta “Por que vocês escrevem?” é tardia para o escritor, pois antes dela ser feita, ele já se encontrava escrevendo.

O que significa este “ele já se encontrava escrevendo”? Significa que o escritor já estava de posse de sua ação. Mais: que esta ação era, de algum modo, inocente, isto é, sem por que e nem para quê. Que esta ação se bastava a si mesma. Isso que agora pensamos adverte para o fato de que a pergunta “Por que vocês escrevem?” pode trazer consigo uma finalidade embutida, uma finalidade que se encontraria para fora e para além do próprio escrever. Os escritores, os autênticos escritores – é preciso que se ressalte isso – não escrevem para nada. São, de fato, inúteis, imprestáveis. Somente aqui damos razão ao senso comum e exigimos que isso permaneça assim, pois nesse “não escrever para nada” encontra-se toda a liberdade do escritor, todo o seu caráter voltado para a obra que quer se fazer presente, que quer nascer. Deixar-se ser tomado por aquela pergunta inicial, deixar-se ser tomado por uma finalidade anterior ao próprio escrever é, sobretudo, não deixar que a obra apareça, mas simplesmente crer que ela seja o resultado da ação de um sujeito que acredita que ele e somente ele é quem determina plenamente a sua criação. Caso acreditássemos na veracidade desta última afirmação, teríamos que acreditar também que todo escritor já é escritor antes mesmo de escrever. Mas, se ele é escritor antes de escrever, como responder a pergunta “Por que vocês escrevem?” com o simples e incômodo “Eu só sei fazer isso”? Não seria mais prudente responder “Porque eu sei escrever”? Qual a diferença entre uma e outra resposta? Há diferença entre elas?

Há diferença entre estas respostas. A diferença é, aliás, gritante! Saber escrever é uma coisa, mas só saber escrever é outra bem diferente! “Só saber escrever”, diferentemente da outra resposta, aponta para uma única ação, enquanto “saber escrever” não exclui outros “saberes” e nem confere a este determinado saber uma exclusividade.

“Só sei escrever” exclui e, por isso, é exclusivo. Pode-se dizer, no âmbito da perspectiva utilitarista, que quem só sabe escrever, ainda mais numa sociedade que exige que o indivíduo possua saberes diversificados, está, de alguma maneira, excluído do todo, do convívio maior com ela.

Quem diz “Só sei escrever”, portanto, está irremediavelmente fora, à parte, à margem daquilo que realmente se vive no convívio da sociedade. O escritor que diz que escreve porque só sabe escrever não passa de um marginal. Para que isso se confirme, basta notar o que é vendido nas livrarias e o que se ensina

nas salas de aula de nosso país.

Nas livrarias só vendem, de uma maneira geral, *Best Sellers*, isto é, livros que são feitos para o mercado, para o agrado de todos. Aí é preciso saber escrever bem e, com isso, atingir um objetivo: Vender. Os grandes escritores, os tradicionais, além dos bons nomes que surgem, são tidos como chatos e como aqueles que não falam o que os jovens querem ouvir. Vejam a que ponto chegamos! O escritor deve escrever aquilo que o mercado pensa que o jovem precisa ouvir. Ele escreve para moldar um tipo de jovem de acordo com o que o mercado quer.

Nas salas de aula não é diferente. O professor ensina os chamados autores clássicos porque estes caem no vestibular. Neste sentido, tudo se justifica. O que pode ser extraído nestes autores para a construção da vida dos jovens nem é levado em consideração. Eles são estudados no âmbito de uma história da literatura e são analisados por comparação com outros autores e com outras épocas. Por isso nem há propriamente a necessidade de serem lidos (Vejam só a abundância de resumos expostos na Internet!). Comumente só precisamos saber de sua existência e enquadrá-los na história. Com isso, eles se tornam um peso a mais (e desnecessário) na grande cadeia de conhecimentos que os alunos precisam obter.

O que é preciso que se diga ainda é que nem sempre aquele que sabe escrever é capaz de escrever “certo livro”. Quem diz isso é o poeta João Cabral de Melo Neto. Ouçamos a segunda parte de seu poema de nome “O postigo”:

O que acontece é que escrever  
é ofício dos menos tranquilos:  
se pode aprender a escrever,  
mas não a escrever certo livro.

Escrever jamais é sabido;  
o que se escreve tem caminhos;  
escrever é sempre estrear-se  
e já não serve o antigo ancinho.

Escrever é sempre o inocente  
escrever do primeiro livro.  
Quem pode usar da experiência  
numa recaída de tifo?<sup>3</sup>

O que nos interessa, por agora, são os dois últimos versos da primeira estrofe. Vamos repeti-los:

se pode aprender a escrever,

3. NETO, João Cabral de Melo. Agrestes. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, pp. 584-585.

---

mas não a escrever certo livro.

Eis aí a contundente resposta àqueles que respondem a pergunta “Por que vocês escrevem?” com um sonoro “Porque eu sei escrever”. De acordo com João Cabral, poderíamos, então, muito bem dizer o seguinte: “Tudo bem! Você sabe escrever direitinho! Mas isso não dá a você o direito de escrever certo livro”.

Duas perguntas sobressaem daí: 1) O que significa “ter direito” a escrever certo livro? 2) O que João Cabral quer dizer com “certo livro”?

Talvez, procurando entrar no âmago dessas perguntas, possamos compreender melhor a resposta “Só sei fazer isso”.

Para tanto, começaremos com a segunda pergunta: O que João Cabral quer dizer com “certo livro”?

O poema “O Postigo” compõe-se de quatro partes. No entanto, além da segunda parte que apresentamos acima, interessa-nos também uma passagem da primeira e uma passagem da quarta parte. Na primeira parte, mais precisamente na segunda estrofe, o poeta nos diz que “não há nada de hostil” em querer parar de escrever – pois ele se encontra em idade avançada e já pesam as dificuldades. Além disso, segundo o poeta, “poucos foram tão bem tratados/ como o escritor dessas plaquetas/ que se escreviam sem mercado”. Já na quarta parte, na primeira estrofe, logo nos dois primeiros versos, o poeta diz que voltaria a escrever, “não a pedido do mercado”.

Ora, o que se põe em questão com essas duas passagens é a contraposição entre a ideia de um escrever necessário e autêntico (sincero e que vem de si mesmo) e aquela ideia de que tal ação poderia ser conduzida pelo mercado. Mais drástico ainda, e que vem ao encontro de nosso interesse, é o fato, já exposto na primeira estrofe, de que o escritor escrevia sem mercado. O que significa “escrever sem mercado”? Qual editora bancaria um escritor que não tem mercado? Mais ainda: O que faz com que um escritor continue escrevendo sabedor de que não tem mercado? É radical que João Cabral nos diga que voltaria a escrever, “não a pedido do mercado, /se escrever não fosse de nervos, /fosse coisa de dicionários”.

Como assim? Escrever, além de precisar ser livre com relação ao mercado, não é coisa de dicionários? Espero que um professor, que vive falando da necessidade de ensinar regras e gramáticas, acreditando que tudo se cumpra nisso, jamais se depare com esse verso de João, pois poderia muito bem acontecer que não soubesse mais o que fazer de sua atividade.

O que João Cabral quer nos dizer é que escrever não é para qualquer um,

mas para aquele que cai em experiência. Aquele que cai em experiência é aquele que pode vir a escrever certo livro.

No entanto, afirmamos: Só cai em experiência aquele que é inocente, aquele que não guarda consigo o escrever como uma finalidade para fora e para além dessa atividade e que, além disso, abre sempre mão do já escrito em nome de uma necessidade de refazer um caminho em direção ao que há ainda a escrever. É por isso que o poeta diz que

Escrever é sempre o inocente  
escrever do primeiro livro.  
Quem pode usar da experiência  
numa recaída de tifo?

Cada livro é, por assim dizer, o resultado de uma nova experiência. Mas uma experiência tão nova e tão radical que já não nos cabe mais usar da experiência anterior como bengala. Ela não serve para mais nada, pois

Quem pode usar da experiência  
numa recaída de tifo?

Experiência fala de limite, de situação fundamental, que põe o homem na abertura mais própria de seu modo de ser. Em meio a toda possibilidade de ser e de não ser, eis que um certo livro se dá, aparece. Um certo livro é o resultado de uma experiência de fundo, de uma experiência toda enraizada na vida. Ele é o próprio espelho da vida se fazendo vida. É o viver em seu processo de realização – a vida da vida – que se revela em um certo livro. Por isso é extremamente doloroso para o poeta, entrado em anos, que se exponha mais uma vez à experiência. Pois não dá para ele escrever certo livro só a pedido do mercado. É preciso, antes, que se caia novamente em experiência e que, sobretudo, se esteja exposto aos caminhos que vão se abrindo e que exigem novos ancinhos.

Mas o que significa “cair em experiência”? O que é “experiência”? No livro *La idea de principio em Leibniz*, de José Ortega y Gasset, mais precisamente no §19, o filósofo nos diz que experiência, *empeiria*, vive da raiz *per*, que na língua germânica se diz *fahr*, daí *Er-fahrung*. *Fahren* é viajar e *per* possivelmente esteja articulado a *peritus*, aquele que é hábil em alguma coisa e que, por isso, lança-se no risco, em perigo, *periculum*.

Além disso, Ortega nos diz ainda que, em seus estudos, experiência tem a ver com *peiro*, *portus*, porto e porta. *Portus* e *pórus* dizem a saída. “A saída que, caminhando por uma montanha, encontramos”<sup>4</sup>. No caso do mar, quando da

4. ORTEGA Y GASSET, José. *La idea de principio em Leibniz*. Madrid: Alianza Editorial, 1992, p. 150.

entrada em uma enseada, temos o porto. “O caminho que conduz ao porto, *portus* ou saída, é o *opportunus*”<sup>5</sup>. *Opportunus* é o que oferece uma saída, uma abertura; é o que é oportuno, a oportunidade. Daí que cair em experiência é a oportunidade, a hora oportuna, a hora certa em que, em viagem – no seu sentido originário de estar lançado no mundo – caminhamos sem caminhos previamente estabelecidos, “por terras desconhecidas e sem guia prévia, o *hodós*, sem o *méthodos*”<sup>6</sup>.

Cair em experiência é, portanto, um dispor-se à criação em atenção a uma hora oportuna em que o que se sente é o estar lançado no aberto de caminhos imprevisíveis que vão se abrindo à medida que se caminha, no âmbito mesmo de uma ação realizadora, em que se é tocado pelo real em seu processo de realização de realidade.

“Eu só sei fazer isso” significa, portanto, que estou todo disposto e todo exposto a novas experiências através das quais novos livros poderão emergir de regiões antes inimaginadas, pois

Escrever jamais é sabido;  
o que se escreve tem caminhos;

“Eu só sei fazer isso”, ou seja, abrir mão do já sabido, do antigo ancinho, arriscando-me em novos caminhos. “Eu só sei fazer isso”: Lançar-me novamente no escrever para poder, mais uma vez, vir a ser quem eu sou, a saber, um escritor.

Não sou eu um escritor antes da experiência que me dispõe a escrever. Antes eu me vejo em experiência e a partir dela advém a possibilidade de tornar-me um escritor.

Diante disso, retornamos agora a outra pergunta: O que significa “ter direito” a escrever certo livro? Só tem direito a escrever certo livro aquele que se entrega à experiência e carrega consigo a impossibilidade de abandoná-la em tudo o que faz. Toda a existência passa a ser constituída a partir da experiência. A experiência abre um fazer e, com ele, a impossibilidade de realizar-se fazendo outra coisa diferente daquela que se abriu. Essa impossibilidade se funda numa necessidade vital que puxa o poeta para a dinâmica do escrever. Só tem direito a escrever certo livro aquele que participa dessa dinâmica no âmbito de uma necessidade vital. Quem não sente o peso disso não pode se perguntar honestamente aquilo que Rilke perguntou em uma de suas cartas ao jovem poeta: Morreria se não escrevesse? É justamente na hora mais silenciosa,

5. Idem.

6. Idem.

quando tudo está quieto, serenado, que esta pergunta pode ou não ser feita. Se puder ser feita e respondida com um tremendo “sim”, conforme disse Rilke, é preciso construir toda uma vida de acordo com essa necessidade.

Só assim entendemos que João Cabral tenha sido diplomata. Ele nos diz que foi diplomata para poder entregar-se à poesia. Diz ele também que a diplomacia ofereceu-lhe tempo para produzir. A diplomacia era a sua ocupação, mas a poesia a sua plena realização.

“Eu só sei fazer isso” significa, então: Toda a minha vida está definitivamente marcada por essa atividade a qual me entrego diariamente. Mesmo que eu tenha que dar conta de outras ocupações, só sinto verdadeiramente a felicidade, a plenitude de meu ser, quando delas me libero para entregar-me exclusivamente àquela que está para além e acima de todas as outras.

“Eu só sei fazer isso”, diz Beckett. Tal exclusividade expõe o seu não poder fazer outra coisa a não ser isso. Mais: expõe, de acordo com Agamben e sua interpretação de Aristóteles, um não poder fazer e um poder não fazer, não só no âmbito da ação de escrever, como também no âmbito das demais atividades.

“Eu só sei fazer isso” traz consigo todo um poder ser (fazer), mas também um poder não ser (fazer). Beckett é em potência um escritor. Mas o é justamente porque traz consigo uma privação (*steresis*). O seu poder não fazer outra coisa a não ser escrever é conduzido por um sentido que já se faz presente no próprio poder ser, na potência. Da mesma maneira esse “poder não” está presente em tudo aquilo que faz e ainda mais no próprio escrever. Ele escreve, mas poderia não escrever. É o escrever que, para Beckett, apresenta a realidade. Falando melhor: A realidade é escrever, aparece como escrever. Mesmo nos momentos em que Beckett não escreve, em que exerce o seu poder não escrever, todo esse “poder não” encontra-se fundado em um poder ser. É toda uma vida que se constrói para essa atividade que é o escrever.

A grandeza da resposta de Beckett situa-se no fato de que ela se faz diante de um limite que é imposto por um “não poder” e por um “poder não”, pois, como nos diz Agamben, “não apenas a medida do que alguém pode fazer, mas também e antes de tudo a capacidade de manter-se em relação com a própria possibilidade de não fazê-lo define o estatuto de sua ação”<sup>7</sup>.

Agamben acentua, desde a leitura que faz do livro IX da *Metafísica*, de Aristóteles, esse “não poder” e esse “poder não” como algo que se encontra no âmbito de todo poder, da potência propriamente dita. Diz-nos Aristóteles, na tradução

7. AGAMBEN. Sobre o que podemos não fazer. In: *Nudez*. São Paulo: Autêntica, 2014, p. 72.



de Agamben: “A impotência [*adynamia*] é uma privação contrária à potência [*dynamis*]. Toda potência é impotência do mesmo e em relação ao mesmo [de que é potência]”<sup>8</sup>. Justamente pensando essa passagem de Aristóteles é que Agamben chega a definir o homem como “o animal que pode a sua própria impotência”<sup>9</sup>.

Numa discussão com Deleuze e com a modernidade, ele chega, inclusive, a afirmar que o mais grave na operação do poder não é afastar o homem de sua potência, mas, sobretudo, daquilo que não pode fazer, ou melhor, daquilo que pode não fazer. O homem moderno, diz Agamben, “crê-se capaz de tudo e repete o seu jovial ‘não há problema’ e o seu irresponsável ‘pode-se fazer’, exatamente quando deveria, ao contrário, dar-se conta de ser entregue em medida inaudita a forças e processos sobre os quais perdeu o controle”<sup>10</sup>.

Talvez seja este “dar-se conta” de sua impotência a origem do “problema” de Beckett e que o leva a dizer “Eu só sei fazer isso”. Justamente por sentir-se de posse de uma privação, todo o seu poder ser e poder não ser se abre em seus afazeres. É o que em *A potência do pensamento* Agamben nos leva a refletir: “O homem é o senhor da privação porque mais que qualquer ser vivo ele é, em seu ser, destinado à potência”<sup>11</sup>.

Neste sentido, como não pensar em Herman Melville e em seu *Bartleby, o escrevente*? Como não dar margem ao eco de um “preferia não” várias vezes repetido por Bartleby? Como não pensar que o “preferia não” não está relacionado a um “poder não”?

Da mesma maneira que o “preferia não” de Bartleby pode ser visto como uma espécie de suportar a dor de um poder não se entregar ao “tudo pode ser feito”, a resposta de Beckett também não poderia ser vista desta mesma perspectiva, a saber, da suportação? O que está em jogo aí? Resposta: A posição inflexível de que ele age de acordo com o seu poder ser e seu poder não ser. Tanto Bartleby como Beckett não se dobram “àquela flexibilidade que é hoje a primeira qualidade que o mercado exige de cada um”<sup>12</sup>.

No entanto, diferentemente de Bartleby, cuja ação encontra-se suspensa naquilo que Agamben vai chamar de “pura potência”, Beckett nos diz “Eu só sei fazer isso”, a saber, escrever.

8. Idem, p. 72. Trata-se de uma referência à *Metafísica*, 1046a, 29-31)

9. Idem, p. 72.

10. Idem, p. 72.

11. AGAMBEN. A potência do pensamento. In: *A potência do pensamento – Ensaios e conferências*. São Paulo: Autêntica, 2015, p. 249.

12. AGAMBEN. Sobre o que podemos não fazer. In: *Nudez*. São Paulo: Autêntica, 2014, p. 72.

Diante disso, refletindo acerca da época histórica em que vivemos, dispondo-nos à sua compreensão, perguntamos por fim: Como reunir esforços no sentido de, a partir da experiência, podermos, tal como Beckett, afirmar que “Eu só sei fazer isso”?

Paraíba do Sul, 12 de junho de 2016.